

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

GABRIELA CAPANEMA

Flânerie e Ninguéns: Ensaio Foto-gravado da População de Rua do Rio de Janeiro

flanerienacidade.tumblr.com

Niterói

2015.1

GABRIELA CAPANEMA

Flânerie e Ninguéns: Ensaio Foto-gravado da População de Rua do Rio de Janeiro

flanerienacidade.tumblr.com

Projeto Experimental apresentado por Gabriela Capanema, matrícula: 312030045, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob a orientação da professora Renata Rezende.

Niterói

2015.1

GABRIELA DONZA BORCHERT CAPANEMA

***FLÂNERIE E NINGUÉNS: ENSAIO FOTO-GRAVADO DA POPULAÇÃO DE
RUA DO RIO DE JANEIRO***

flanerienacidade.tumblr.com

Projeto experimental apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Renata de Rezende Ribeiro – Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra Carla Baiense Felix
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Denise Tavares da Silva
Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Aos protagonistas do meu trabalho, moradores das ruas da cidade que, mesmo excluídos do convívio social e sem perspectivas de uma vida melhor, puderam me ajudar a conquistar o que é de direito de todos, mas poucos tem acesso: educação.

A Família e Amigos por todo suporte e paciência.

A professora Renata Rezende por sua compreensão e contribuição generosa de conhecimentos e ideias.

A Avó que não está presente, mas que em algum lugar está orgulhosa.

RESUMO

Trata-se de um ensaio *foto-gravado* sobre o povo de rua da cidade do Rio de Janeiro. Utilizando o microblog *Tumblr* como plataforma para fazer circular o material, o ensaio busca criar outras percepções sobre a realidade da população de rua (sejam moradores ou sujeitos que utilizam as ruas como meio de sobrevivência), criando uma aproximação e compreensão acerca da situação de miséria e desespero em que vivem nas cidades. Por meio da fotografia, em uma proposta de captura do cotidiano desses sujeitos, e das entrevistas gravadas em áudio, o objetivo é dar visibilidade à temática, na medida em que se trata de uma pauta pouco explorada (e até muitas vezes ignorada) pela mídia hegemônica, que, na maior parte das vezes, encara o grupo como marginalizado.

Palavras-chave: Fotografia social; População de rua; Percepção; Cidade; Microblogging;

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 5 |
| 2. OBJETIVOS/ JUSTIFICATIVA | 7 |
| 3. CONTEXTOS DA POPULAÇÃO DE RUA | 8 |
| 3.1 Dados | 9 |
| 4. METODOLOGIA (E o processo produtivo) | 10 |
| 4.1. Ensaio Foto-gravado | 13 |
| 5. OS NINGUÉNS | 15 |
| 5.1. Ivonete | 16 |
| 5.2. João Lima | 17 |
| 5.3. Bruno Aquino | 18 |
| 5.4. Felipe | 19 |
| 5.5. Paulo Roberto | 20 |
| 5.6. Daniel | 21 |
| 5.7. Roberto Lima | 22 |
| 5.8. Paulo | 23 |
| 5.9. Anderson | 24 |
| 5.10. Robson | 25 |
| 5.11. Tiago Emílio | 26 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| REFERÊNCIAS | 29 |

1. INTRODUÇÃO

“Flanar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! [...] Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. E de tanto ver que os outros quase não podem entrever, o *flâneur* reflete. [...] As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. Quando o *flâneur* deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação...” (RIO, João do. A Encantadora Alma das Ruas).

Sempre me fascinou flanar pelas ruas da cidade, sentir sua essência, observar cuidadosamente o que acontece e as diversas possibilidades de situações e pessoas que se cruzam. Sim, acredito que as ruas têm alma, como já dizia João do Rio. Percebi que dediquei grande parte do meu tempo, mesmo que muitas vezes inconscientemente, a estudar as ruas da cidade. Pesquisei muitos trabalhos de artistas que abordavam as *urbes* por meio da arte para assim contestar suas mazelas e belezas, seja no campo da literatura e das artes plásticas, como também no da performance e do cinema.

Os dicionários dizem: “Rua, do latim *ruga*, sulco. Espaço entre as casas e as povoações por onde se anda e passeia. [...] A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. [...] Bate, em compensação, palmas aos saltimbancos que, sem voz, rouquejam com fome para alegrá-la e para comer. A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela. (RIO, João do. A Encantadora Alma das Ruas, p. 1-2)

A partir desse meu inato interesse pelo urbano e pela observação dos pequenos e sutis elementos e fatos que o cercam, surgiu a ideia do meu projeto experimental. Nada mais justo do que também contribuir produzindo um trabalho que provoque a reflexão sobre o local que atravessamos todos os dias e pouco notamos a alma ou qualquer outra alma. Cada pessoa se relaciona com a rua de uma forma diferente, mas no fim das contas é ela o elo entre todos. Muitos só estão de passagem, outros a utilizam como veículo para arrecadar dinheiro, alguns a usufruem para a diversão, outros tem

uma relação ainda mais íntima e foram estes os que me chamaram mais atenção enquanto *flanava* por esses espaços.

A rua é um cenário onde estão presentes todos os tipos de sentimentos que vão sendo absorvidos e conferem à cidade um aspecto mais humano. Quanto mais complexos são os sentimentos provenientes dessa imensa rede de relações humanas e sociais, mais complexa se torna a investigação das diversas representações da cidade. Os acontecimentos cotidianos da cidade delineiam essas diferentes representações e integram o imaginário do lugar. A partir dessa perspectiva, quis apresentar, através desse ensaio, a minha percepção da experiência urbana sob a ótica desses acontecimentos e das relações sociais que assumem, inconscientemente ou não, um papel antagônico no imaginário da cidade. Os acontecimentos relativos ao povo de rua são tão inerentes ao nosso imaginário urbano que pouco paramos para refletir sobre as razões do problema.

A situação dos moradores de rua é um reflexo da nossa sociedade e da forma como a mesma se organiza: “em um processo concentrador de renda, marcado por desigualdades sociais, conjunturas econômicas de recessão e desemprego e agravamento das más condições de reprodução da vida urbana, como moradia e saúde, por exemplo” (ROSA, 2004, p. 29). Por isso que se torna tão importante o debate responsável sobre essa vulnerabilidade social tão recorrente no Brasil e intrínseca a nossa realidade enquanto parte de um sistema de formação social. Como nos lembra Snow,

Os fatores estruturais se referem aos arranjos e tendências sociais que afetam a probabilidade de que eventos específicos ou trajetórias de vida sejam vivenciados. Ao estreitar ou expandir as chances e oportunidades de vida, eles facilitam ou restringem as opções dos indivíduos (SNOW, 1998, p. 373).

2. OBJETIVOS/ JUSTIFICATIVA

Desde quando comecei a observar a população de rua e, mais que isso, realmente enxergá-los, já refletia sobre a importância de se colocar em pauta esse assunto para melhor entender a situação de miséria e desamparo evidente nas cidades, particularmente aqui, refiro-me ao Rio de Janeiro. Destacar questões pertinentes, mas pouco abordadas ou ignoradas pela mídia convencional é extremamente importante e desafiador para o indivíduo como profissional de comunicação, mas também para seu desenvolvimento pessoal.

Além disso, o acesso às informações sobre esse cenário é fundamental para que o sujeito espectador faça suas próprias interpretações. A melhor maneira que encontrei de transmitir essas informações foi através da fotografia, pois, além de já possuir uma câmera digital, a partir dela é criada uma subjetiva aproximação do espectador com o tema tratado. Segundo Aumont (1995, p. 92), a imagem e o espectador são parecidos; entre os dois, afirma o autor, existe a mesma “base de toda uma série de abordagens [...] cuja característica comum é estabelecer uma espécie de paralelismo entre o trabalho do espectador e o “trabalho” da imagem”.

Para Aumont (1995, p. 94), o conceito de metáfora da organicidade de Eisenstein remete ao organismo por excelência, o corpo humano, em que cada parte só tem um sentido com relação ao todo. O autor afirma que “uma obra de arte pode ser dita orgânica se nela a relação entre as partes for tão importante quanto as próprias partes” e foi exatamente essa organicidade que busquei em meu trabalho: através da fotografia proporcionar uma reflexão sensível sobre a temática, que é tão importante quanto a própria imagem produzida, materializada.

Quando as pessoas andam pelas ruas com seus destinos já traçados não costumam prestar atenção na miséria que circunda a cidade. Quando uma pessoa pede esmola, ou mesmo quando se nota alguém dormindo embaixo da marquise, adota-se uma “cultura” de se fingir que não vê aquilo que é um fato. O outro torna-se invisível, se torna ninguém. E vai ainda mais além, muitos com seus conceitos e ideologias pré-estabelecidas julgam esses “ninguéns” como marginais, como se a situação de mendicância fosse escolha ou falta de esforço para ter uma vida melhor.

Aumont (1995, p. 190) defende que a função ideológica do cinema coloca o sujeito espectador imaginariamente em um lugar central e o dispositivo assume um papel essencial para isso: “é o que não é visível mas permite ver”. Essa teoria pode ser adaptada para a fotografia, na medida em que se trata de um instrumento que opera imaginários, incitando a emoção do espectador para que ele se permita enxergar realidades antes ignoradas e assumir outras percepções a partir da observação.

Além da observação da imagem optei pela gravação de entrevistas com os personagens que encontrei pelas ruas e aceitaram me contar suas histórias de vida. Achei que a partir dessa iniciativa eu estaria criando uma aproximação e identificação ainda mais estreita entre o espectador e a temática. Com essa mescla que criei entre imagem e áudio, influenciada pela teoria de Jacques Aumont (1995) sobre a imagem como fonte de afetos, tentei imprimir minhas percepções no trabalho. Segundo Aumont (1995, p. 123), existem dois tipos de emoções que são induzidos no espectador através da imagem e uma delas diz respeito ao conceito do meu trabalho: “emoções mais ligadas à reprodução e à vida social: tristeza, afeição, desejo, rejeição, [...] intervêm então essencialmente nos registros bem conhecidos da identificação e da expressividade”. O espectador tem uma participação imaginária no “mundo dos ninguéns” que é exprimido através da fotografia e do áudio que os faz serem confrontados com situações e personagens desconhecidos e assim criar uma afeição por suas histórias singulares e delicadas. Nesse sentido, coloquei-me como um espectador das ruas e de suas histórias, a partir do recorte de alguns personagens, conforme descrevo adiante.

3. CONTEXTOS DA POPULAÇÃO DE RUA

Em primeiro lugar, vale ressaltar que o termo que encontrei para melhor definir o grupo heterogêneo foi ‘população em situação de rua’¹, segundo definição da Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua, o qual tem as ruas como principal espaço de sobrevivência e de ordenação de suas identidades, além de possuir em comum a característica de estabelecer no espaço público das ruas seu palco de relações privadas.

Como citado no documento Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua (Governo Federal, 2008, p. 7):

“A rua tanto pode se constituir num abrigo para os que, sem recursos, dormem circunstancialmente em logradouros públicos quanto pode constituir-se em local principal de habitação e de estabelecimento de diversificadas redes de relações. O que unifica essas situações e permite designar os que a vivenciam como populações de rua é o fato de que, tendo condições de vida extremamente precárias, circunstancialmente ou permanentemente, utilizam a rua como abrigo ou moradia” (Vieira, Bezerra e Rosa (2004), apud Silva, 2006).

¹ GOVERNO FEDERAL. (Brasil). *Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua para Consulta Pública*. Brasília, DF: 2008.

Poucos estudos foram realizados sobre o povo em situação de rua, inclusive o grupo não é incluído em censos oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois o mesmo realiza a coleta de dados a partir de base domiciliar. A “Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua”, realizada em 2008, pelo Instituto Meca em uma iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) em parceria com a Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), foi uma das poucas pesquisas, e a mais recente, que encontrei sobre o panorama desse cenário. No próximo tópico demonstrarei alguns resultados e gráficos dessa pesquisa que abrange as pessoas em situação de rua com 18 anos completos ou mais.

3.1 Dados

Na Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua² que se relaciona com o cenário que encontrei nas ruas em meu trabalho, as entrevistas foram realizadas em instituições que atuam com essa população (27,5%) e o restante (72,5%) nas ruas (calçadas, praças, parques, viadutos, lixões, entre outros). Chegou-se ao resultado de 31.922 pessoas em situação de rua nos 71 municípios brasileiros pesquisados, ou seja, o total real, ainda é mais elevado. Foram entrevistadas pessoas em situação de rua com 18 anos completos ou mais. Os dados encontrados foram:

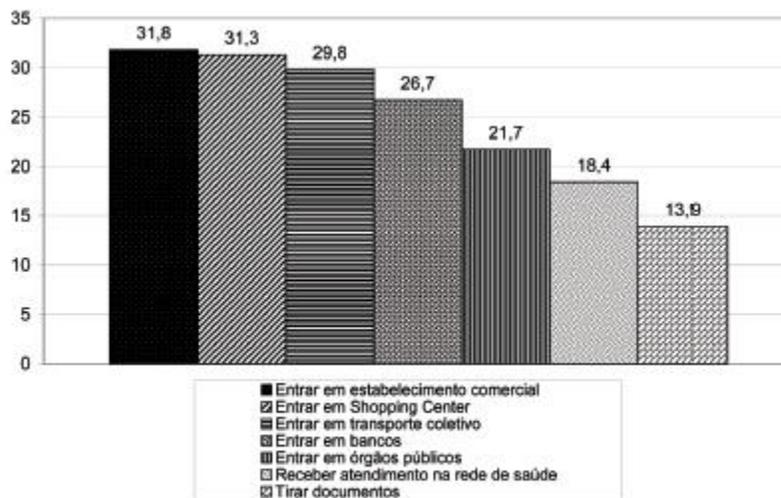
- 82% da população em situação de rua é do gênero masculino.
- 53% possui entre 25 e 44 anos.
- A maioria (52,6%) recebe entre R\$ 20 e R\$ 80 semanais.
- 74% sabem ler e escrever, 17,1% não sabem escrever e 8,3% apenas assinam o próprio nome.
- 79,6% consegue fazer ao menos uma refeição por dia.
- 29,7% afirmaram ter algum problema de saúde.
- 35,5% alegaram que os motivos pelos quais passaram a viver e morar na rua se referem aos problemas com drogas (álcool e/ou outras); 29,8% refere-se ao desemprego e 29,1% por desavenças com pai/mãe/irmãos.

A população de rua sofre muitos preconceitos; as pessoas são encaradas como “ninguéns” para a sociedade que tenta apagá-las do cenário cotidiano. Esses preconceitos são revelados principalmente quando são impedidos de entrarem em certos locais. No gráfico abaixo foi feita uma

² Ver mais in: <http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2015. Acesso em 25 de junho de 2015.

pesquisa³ segundo as experiências de impedimento da entrada em locais ou para realização de atividades.

Gráfico 1: População em situação de rua segundo experiências de impedimento de entrada em locais ou para realização de atividades, 2007-8 (%)



Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (Dados de Amostra), Meta/MDS, 2008.
 Nota: As colunas não totalizam 100% pois a informação é coletada em quesito de marcação múltipla.

4. METODOLOGIA (E o processo produtivo)

A primeira etapa do projeto seria sair flinando pelas ruas da cidade em uma espécie de experiência antropológica, sem fotografar ou gravar entrevistas. Mas minha primeira tentativa de aproximação com o povo de rua foi tão satisfatória e fascinante que não pude perder a chance de ter o registro da história daquela senhora simpática que pedia esmola para comprar seu remédio no Largo da Carioca, no Centro do Rio de Janeiro. Era muito importante para o meu trabalho que o espectador soubesse o quão incrível, mesmo que tragicamente, podem ser essas pessoas as quais cruzamos e nem sequer olhamos. Então desde a primeira saída já obtive fotografias e depoimentos em áudio da minha conversa com Ivonete.

Na minha segunda saída, optei por buscar moradores nas ruas próximas ao Largo do Machado, Zona Sul da cidade, mas após essa experiência preferi continuar com foco nas ruas do Centro do Rio de Janeiro. Percebi que nessa região existe uma maior concentração de pessoas em situação de rua,

³ Ver mais in: <http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2015. Acesso em 25 de junho de 2015.

tornando-se mais fácil meu acesso a eles. Além disso, historicamente, as ruas do centro do Rio têm um grande valor e são elas que figuram a obra de *A Alma Encantadora das Ruas*, de João do Rio, a qual desejei ressuscitar para criar o conceito do meu trabalho.

O conceito de flunar que João do Rio aborda em sua obra esteve muito presente no processo do trabalho. Eu andava pelo centro do Rio observando o povo da rua e, antes da abordagem, tentava desvendar quais pareciam ser mais receptíveis a conversar comigo. Geralmente saía pela manhã ou início de tarde, já que a luz é de extrema importância tanto para o trabalho fotográfico como para minha segurança, motivo que me levou a sempre convidar uma pessoa para me acompanhar durante o processo de entrevistas.

Levei muitos “nãos” na minha jornada. Pude enxergar de perto a amargura e mágoa nos olhares de muitos moradores de rua, principalmente as mulheres, que foram com quem tive mais dificuldade de aproximação. Talvez por serem mais sensíveis a questão da autoestima, tendo em vista o sistema machista vigente e a rivalidade que se instaura nas relações entre mulheres, mas também pela população de rua ser predominantemente masculina. O caso que mais me marcou foi uma jovem que aparentava ter a minha idade, cerca de 20 anos, grávida, sem um pedaço da orelha, indicando um recém machucado. A menina estava num estado péssimo e quando a perguntei se conversaria comigo, se me contaria um pouco da sua história, ela respondeu: “não tenho nada para contar não”. Pude enxergar de perto a barreira que a vida na rua constrói dentro de uma pessoa e desconstruir essa sensação foi um dos maiores desafios no processo do meu projeto.

Antes de me aproximar de algum morador de rua, sempre havia um impasse inicial da minha parte. Cheguei à conclusão que o impasse no momento de abordar essas pessoas provém de pré-conceitos que foram me passados e que são disseminados na sociedade e acabam se solidificando dentro de nosso imaginário. Mas nada melhor do que conhecer mais a fundo uma realidade para perceber que essa solidez não é perpétua e que podemos estar sempre ressignificando nossa percepção da vida. Esse impasse logo se transformava em compaixão ao trocar as primeiras frases com alguém.

Durante a conversa, o “ninguém” se transformavam em alguém, e muito mais que isso, em seres humanos que necessitam nossa atenção e ajuda. Como prova disso, muitas das pessoas com quem conversei me agradeceram por ceder meu tempo a elas. Nesse sentido, o mais marcante dos casos foi Robson, 26 anos, que me disse que nunca ninguém havia lhe parado na rua para “trocar uma ideia”(sic); me agradeceu e disse que, na maioria das vezes, as pessoas têm medo; não o encaram por

considerá-lo um bandido, um vagabundo que escolheu estar às margens da sociedade. Robson tinha oito anos quando “se mudou” para as ruas do Centro do Rio.

O método que melhor funcionou para abordar o povo de rua foi sentar ao lado deles e puxar algum assunto, sem câmera e nem gravador à mostra. A questão da abordagem foi muito delicada, pois o grande desafio foi fazê-los se sentirem à vontade antes de me confiarem suas histórias. Por isso que meu esforço foi grande para fazer parecer uma conversa informal entre amigos. Tentei me colocar no lugar deles (ainda que seja impossível falar desse lugar, pois minha realidade é bem diferente), pensando sobre como me sentiria se, por grande parte da minha vida, as pessoas me ignorassem ou me lançassem seus olhares de medo e de desprezo e, de repente, alguém chegasse e quisesse saber sobre minha vida. Essa reflexão foi fundamental para que, a cada saída às ruas, aprimorasse minha forma de abordagem.

Outra questão desafiadora foi o uso da câmera e dos gravadores que, na maioria das vezes, intimidavam os personagens. Optei pelo uso do meu próprio celular, apesar da qualidade ser um pouco pior, para gravar as entrevistas, pois assim conseguiria inibir menos os testemunhos. Sobre a qualidade dos áudios foram muito presentes os ruídos, barulhos de carro, gritos ao fundo que, nesse sentido, aproximam o espectador da realidade dos moradores de rua, fazendo-os vivenciarem, a partir da audição, como ela realmente é: sem privacidade para conversar ou fazer qualquer outra atividade..

Sobre as imagens fotografadas, essa sempre era a última parte da entrevista, no momento em que sentisse que eles estavam, de fato, à vontade comigo. Ouvei muitos “nãos” mas também muitos “sims” e às vezes chegavam até a me pedir para tirar mais fotos em poses diferentes. Também optei por não alterar o cotidiano deles nas fotografias, nunca interfeiri no cenário ou pedi para que posassem ou que ficassem em determinado lugar para que tirasse as fotos. Escolhi essa forma para não os intimidar, mas também para conseguir transmitir ao máximo o que seria viver nas ruas através da imagem. Além disso, tentava fazer com que o momento de fotografar fosse o mais breve possível - atingindo uma boa qualidade, é claro – para que eles não ficassem numa situação desconfortante, já que ao revelar minha câmera, tirando-a de dentro da minha mochila, podia reparar os olhares de desconfiança por parte deles.

Além do percurso por conta própria, resolvi contatar uma ONG que prestasse serviços à população de rua. A partir da pesquisa conheci Míriam Gomes, presidente da Creche Comunitária Anjinho Feliz – Ação Social Edmundo e Olga -, que realiza diversos projetos, entre eles, o Sopão Solidário, o qual acontece mensalmente nas ruas do Centro do Rio. Fiz uma visita à Creche, na Praça Onze, onde Míriam me recebeu muito bem; me mostrou toda a casa e me contou o bonito trabalho que

realiza, enfrentando diversas dificuldades. Inclusive pude prestar minha ajuda na ação que acontece lá toda terça-feira, distribuindo alimentos para as pessoas necessitadas que fazem fila desde cedo na porta da instituição.

Visitei a ONG com o objetivo de me oferecer a acompanhar o Sópão Solidário e poder vivenciar a experiência, além de criar uma oportunidade de entrar em contato com o povo de rua, ter uma abertura maior para conhecê-los sob a perspectiva desta instituição. Míriam contou que uma vez por mês eles preparam a sopa - dependendo da condição financeira e da disponibilidade, doam outros produtos – para distribuir à noite no centro da cidade. São distribuídas, no mínimo, 50 refeições, dependendo do orçamento pode chegar até 100 e costumam acabar em cerca de 10 minutos. Minha tentativa de acompanhá-los falhou pois Míriam, preocupada com a minha segurança, não quis se responsabilizar em me levar, e disse que “nunca se sabe com quem estaremos prestes a lidar”. A partir disso resolvi que seguiria sozinha a minha jornada e que isso agregaria valor ao meu projeto, já que seria todo baseado em minhas próprias experiências e percepções, minhas perspectivas como indivíduo e profissional de comunicação.

4.1 Ensaio Fotogravado

Fiz 8 saídas às ruas. Optei por realizar as fotografias durante o dia para aproveitar a luz natural, salvo algumas três que acabei me excedendo no tempo, anoiteceu e tive que utilizar meu flash embutido. Durante a documentação fotográfica, utilizei minha própria câmera digital - modelo Canon T3i, lente Canon EFS: 50mm f/4-5.6 IS II. O ISO dependia das condições de luz de cada lugar que fotografei e, por isso, os níveis foram bem variados, pois estive em diversos cenários e iluminações na rua.

As fotografias as quais utilizei um ISO elevado apresentaram um excesso de contraste que me serviu como uma opção estética para melhor revelar ao espectador a realidade da população de rua. A partir de um aspecto não tão limpo e claro das imagens pude transmitir a dura realidade e situação da população que garante sua sobrevivência por meio de atividades produtivas desenvolvidas nas ruas.

Aumont (1995, p. 277) afirma que “ serão procurados na imagem elementos que seguramente comovam o espectador, logo elementos universais, simples, fáceis de sublinhar (a cor, é claro, mas também o contraste”. A opção estética pelo preto e branco foi devido ao teor emocional que confere às fotografias, nas quais busquei aproximar ao máximo a situação dos personagens com o espectador e tentar imprimir uma comoção a essa realidade.

As fotos foram feitas em arquivo RAW para se obter uma melhor qualidade no resultado das imagens. Na pós-produção, usei o programa *Lightroom* para tratar as imagens de forma mais aprimorada. No processo de edição, selecionei as fotografias a partir de dois critérios: estético e social. Escolhi as melhores imagens de acordo com enquadramento, condições de luz associada à sensação que as mesmas transmitiam, repetindo que minha principal intenção foi fazer o espectador compreender os aspectos precários da vida dos moradores de rua.

Para entrar em sintonia com o jornalismo contemporâneo optei por apresentar meu trabalho no microlog *Tumblr* e assim fazer circular o material produzido. O *Tumblr* se difere dos demais blogs por conta da brevidade e por funcionar em tempo-real como uma rede social. Por conta desse conceito de comunidade existente que escolhi usar essa plataforma. Concluí que assim teria mais visibilidade, pois no *Tumblr* o internauta “assina” as páginas que lhe interessam e recebe suas informações em tempo real e, além disso, ele pode fazer uma busca sobre determinado assunto usando as *hashtags*⁴. Desse modo, posso captar as pessoas interessadas no assunto, ao invés de ser mais um blog perdido na internet.

A plataforma ganhou grande popularidade no mundo virtual por conta da sua interface *clean*, o fácil uso e o conceito de comunidade. Muitos artistas utilizam seu *Tumblr* para divulgação e como nunca quis excluir o teor artístico no meu trabalho quis fazer parte dessa comunidade em que pessoas interessadas em cultura, arte e informação se reúnem. Além disso o *Tumblr* comporta diversos tipos de conteúdo: áudio, vídeo e imagem.



Página do projeto <http://flanerienacidade.tumblr.com/>

⁴ *Hashtags* são palavras-chave precedidas do símbolo # que alimentam uma interação dinâmica na rede social onde é utilizada acerca da palavra-chave escolhida.

5. OS NINGUÉNS

- As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os dono de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.” (GALEANO, 1989, p. 42).

Os ninguéns. Alguém os olha. Alguém os vê. Minha câmera foi como um detector de ausências na cidade, uma máquina de fazer enxergar. Detector dos invisíveis que a partir dela se tornam visíveis. De ninguém se transformam em alguém. As pessoas que sobrevivem da rua são consideradas como ninguém, como se não existissem, como se não tivessem direito à cidade. A partir do meu olhar quis alterar percepções pré-definidas, carregadas de preconceitos e mostrar que a realidade pode ser mais complexa do que imaginamos.

Conversei com diversas pessoas em situação de rua, de diferentes idades e trajetórias. Fotografei e gravei em áudio suas histórias para que as pessoas pudessem chegar mais perto dessa realidade, já que no mundo real costumam fingir que não existe. A partir das imagens e das histórias contadas pelo povo da rua, os faço existirem, pelo menos por um breve momento se tornam visíveis.

Apresento cada uma das pessoas que conheci e um resumo sobre as impressões que tive. Os áudios e a composição geral do trabalho encontram-se no blog: <http://flanerienacidade.tumblr.com/>.

5.1. Ivonete



Ivonete tem 76 anos, três filhos adultos e mora de aluguel em Caxias. Ela pega o ônibus em direção ao Largo da Carioca, no centro do Rio, onde tem seu lugar cativo perto da saída do Metrô. Ivonete fica naquele mesmo lugar sempre, pois diz que as pessoas que passam por ali já a conhecem e fica mais fácil arrumar uns trocados, além das doações de comida, roupas, entre outras coisas que costuma ganhar. Ela me contou que gosta daquele lugar pois vê o movimento, as pessoas andando para lá e para cá e não sente tão sozinha. Ivonete sofre de labirintite e costuma pegar seus remédios em uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento), mas às vezes também consegue doações de seus conhecidos. No dia que a conheci ela reclamava de dor de cabeça e tonteira, já havia tomado quatro comprimidos, e mesmo assim nada abalava sua simpatia e estava sempre sorrindo.

5.2. João Lima

João Lima é um senhor pernambucano que aparenta ter bastante idade e trabalha há 15 anos recolhendo todo tipo de material reciclável das lixeiras do Rio de Janeiro. Tudo o que coleta, entrega na Rua dos Inválidos, em um lugar que compra materiais para reciclagem. João não sabe escrever, não teve acesso nenhum a educação, mas diz que com o dinheiro de seu trabalho “ dá pra vivê, dá pra paga aluguel, dá pra paga alguma coisa” (sic). João pouco quis conversa, quanto menos aparecer nas fotos, mas acredito que o registo fotográfico do carrinho em que transporta seu trabalho já diz muita coisa. No dia em que o conheci ele conduziria seu veículo andando do Largo do Machado, onde o encontrei, até sua casa na Cruz Vermelha.



5.3. Bruno Aquino

O carioca tem 51 anos, vive na rua há 43. Aos oito anos ele saiu de sua casa no Catete com a esperança de ganhar dinheiro e voltar para ajudar a família, mas acabou morando na Candelária, onde presenciou a histórica chacina, em 1993. Bruno estudou até a oitava série, mas acabou abandonando a escola por conta dos altos custos com material que não podia arcar e também pela vergonha, todo dia ele se escondia para nenhum colega descobrir que morava na rua. Quando Bruno resolveu voltar para procurar sua família descobriu que, a partir daquele momento, não tinha mais nada: não existia mais casa, mãe, irmãos, pai. Ele nunca mais encontrou sua família, até hoje não sabe o que aconteceu, se estão vivos ou mortos.



Hoje em dia Bruno trabalha na feira de garimpo que acontece todo sábado na Praça XV. Todas terças, quartas e quintas ele sai na madrugada, antes do horário do caminhão de lixo, para garimpar mercadorias nos lixos dos bairros de Copacabana, Botafogo e Laranjeiras. No dia da feira ele paga 45 reais pelo aluguel da banca e lá expõe os produtos que encontrou no lixo, dentre eles: livros, aparelhos tecnológicos em pleno funcionamento como microondas e celular, etc. Bruno tem oito filhos e seis netos, o conheci na Praça XV, onde mora com sua companheira, com ela não tem nenhum filho, ainda.

5.4. Felipe

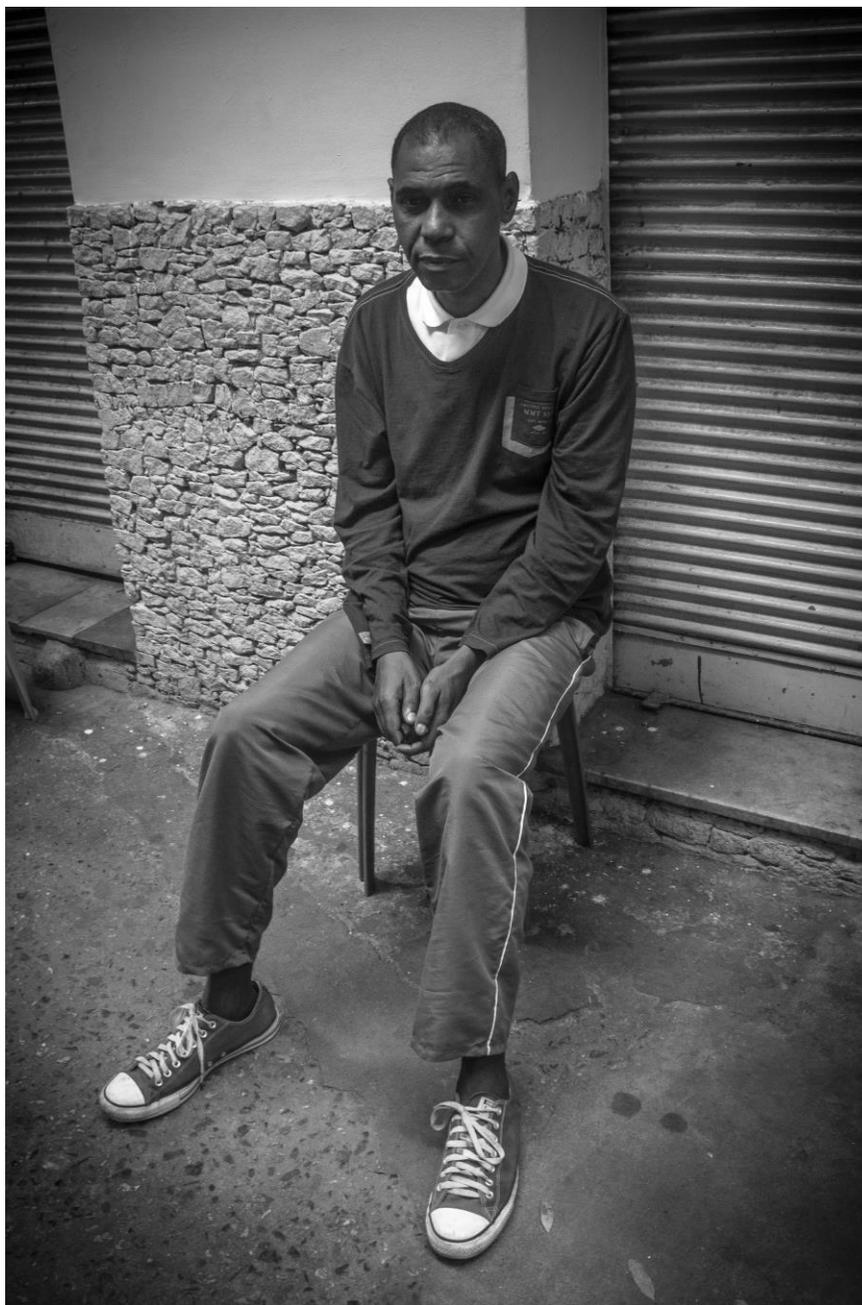
Felipe tem 26 anos e mora na rua há cerca de 11 meses. Quando o avistei, estava sentado próximo ao monumento no centro do Largo São Francisco escrevendo em seu caderno. Sentei ao lado dele e perguntei o que ele tanto escrevia e a resposta gravei no vídeo (no blog). Felipe completou o ensino médio. Logo nos primeiros diálogos pude perceber a pessoa inteligente e bem articulada que era: tinha suas opiniões formadas sobre questões da política como choque de ordem, internação compulsória, entre outros assuntos citados por ele. Perguntei qual era o destino de todo esse material textual que produzia – poucas folhas vazias sobravam no caderno – e, para minha surpresa, me contou que, sempre que podia, visitava uma *lan house* para publicar os escritos em seu blog. Me surpreendi com o teor dos textos que publica (<http://zevidis.blogspot.com.br/>).



Felipe saiu de casa após muitos conflitos com a família . Morar nas ruas foi a solução de seus problemas. Não conseguiu achar emprego e logo desistiu de procurar, preferindo viver do acaso. Dependendo do acaso para se alimentar e saciar suas necessidades básicas, ainda sim prefere essa condição do que voltar . Quando a polícia apreendeu Felipe das ruas e, na delegacia, descobriram que estava como desaparecido no sistema, ofereceram-no três opções: voltar para casa da família, ir para o

abrigo ou hospital psiquiátrico. Escolheu ser internado, achando que logo perceberiam que não havia nenhum problema psiquiátrico, mas não foi o que aconteceu. Felipe permaneceu no CPRJ (Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro) durante duas semanas sendo dopado, e, às vezes até, amarrado na cama. Foi liberado após confirmar que voltaria para a casa de sua família. Voltou. Logo após retornou para as ruas.

5.5. Paulo Roberto



Enquanto flanava pelas ruas do Largo do Machado encontrei Paulo Roberto por pura influência do destino. Resolvi perguntar para um senhor que estava sentado conversando com o jornalista se ele sabia algum ponto onde os moradores de rua costumavam ficar. Foi aí que descobri que esse senhor havia vivido nas ruas do Rio de Janeiro durante um período de sua vida. O mais inusitado desse encontro: Paulo foi o único entrevistado meu que dizia não ter o que reclamar sobre a vida na rua, ao contrário, disse até que gostava. Depois uma briga com sua esposa, ficou desnorreado, resolveu dormir na rua e lá ficou durante seis anos. Natural do Rio de Janeiro, Paulo já mora há 30 anos em Magé.

5.6. Daniel



Daniel Oliveira tem 55 anos. Ele contou que veio de sua cidade natal, Recife, para o enterro de sua mãe que mora no Rio de Janeiro. Algumas coisas que Daniel disse ficaram bem confusas, ele contava a mesma história diversas vezes de maneira totalmente diferente. Podia sentir um cheiro forte de álcool exalando. Mas uma coisa tive certeza: seu maior sonho era voltar para sua terra. Só faltava o dinheiro para comprar a passagem, pois ele não possuía nada. Não tem mais contato com os filhos ou outros familiares para pedir ajuda. Emprego também não consegue por conta da idade. Daniel aguarda um milagre na porta da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, na Uruguaiana.

5.7. Roberto Lima



Roberto tem 43 anos e mora na rua há mais de sete. A primeira coisa que pude perceber foi a simpatia e o sorriso constante no rosto, apesar de tudo. Uma das primeiras coisas que disse foi sobre a importância de estar sempre sorrindo. Ele disse que Deus está sempre olhando por ele e o ajuda muito. Roberto contou que acabou morando nas ruas depois de ter resolvido visitar seus irmãos que moravam no Rio de Janeiro. Tentou procurar emprego, mas não conseguiu. Ele nasceu no Ceará, de onde sua família vem, mas hoje em dia diz ter perdido o contato com sua família e nunca mais conseguiu voltar para lá.

5.8. Paulo



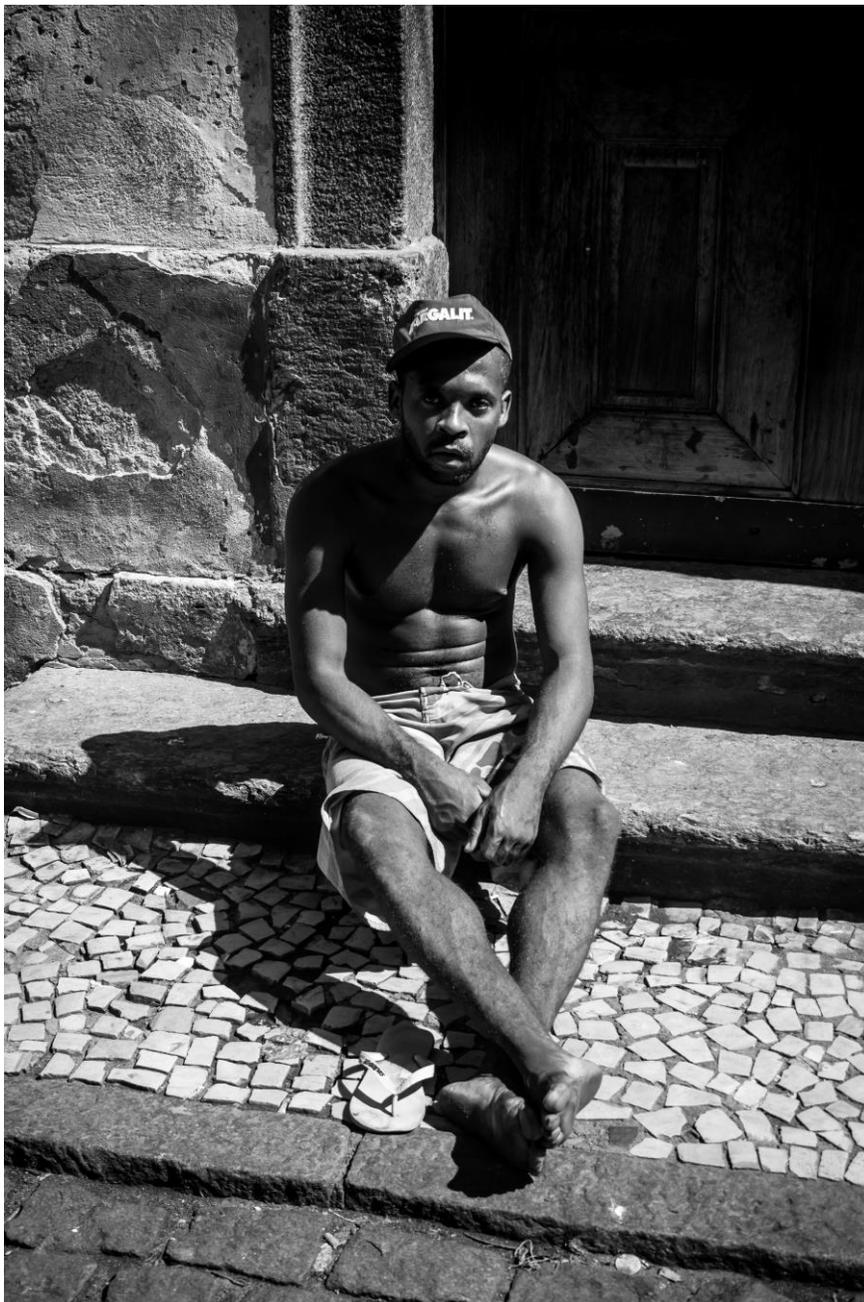
Paulinho me abordou para vender chicletes. Seu filho caçula estava junto, mas quis deixar bem claro que ele só estava ali porque não havia tido aula naquele dia. Disse que a educação é a coisa mais importante que existe e que fazia de tudo para dar o melhor para seus filhos. São sete. O primeiro teve aos 15 anos de idade e acabou tendo que largar a escola para trabalhar e ajudar a sustentá-lo. O segundo teve com 16. Aos 18 anos se alistou e logo em seguida desertou. No momento está desempregado pois não consegue arrumar um emprego formal sem documento. Ele perdeu a identidade mas diz que já está providenciando uma nova e, por enquanto, está trabalhando como ambulante, fazendo bicos. Mora com a atual mulher e a filha dela no Morro da Providência, mas às vezes acaba ficando pela rua e dormindo na Praça XV.

5.9. Anderson



Anderson saiu de casa aos cinco anos por conta de seu vício em cola. Ele nasceu em Marechal Hermes e tem 44 anos. Sua mãe morreu quando tinha 15. Ficou revoltado, foi quando começou a praticar delitos pelas ruas do Rio, como assaltos tanto a pessoas quanto a estabelecimentos comerciais e aumentou a frequência do uso de drogas, como a cocaína. Anderson também presenciou a Chacina da Candelária, onde viu um amigo morrer e levou um tiro de raspão que guarda a cicatriz até hoje. Depois desse episódio em que pôde chegar tão próximo da morte resolveu sair da situação e para de cometer crimes. Teve muitas dificuldades em conseguir emprego pois tem uma deficiência nas mãos. Hoje em dia ele trabalha fazendo bicos pelas redondezas do Centro.

5.10. Robson



Robson tem apenas 24 anos e está há 14 morando nas ruas. Aos dez anos foi obrigado a sair de sua casa em Bangu por causa de seu envolvimento com o crime. Na época, estava acontecendo uma guerra entre facções e ele havia sido ameaçado de morte pela facção rival. Teve que aprender cedo a se virar sozinho já que pouco depois de ir para as ruas sua mãe faleceu e não teve mais com quem contar. Ele é usuário de drogas mas diz que agora “está limpo”. Robson contou que a coisa que mais o impede de alcançar seu sonho de sair dessa situação é a droga, que as pessoas que moram na rua têm acesso fácil.

5.11. Tiago Emílio

Tiago Emílio tem apenas 26 anos. O mineiro de Além Paraíba chegou na cidade do Rio de Janeiro há duas semanas e desde então mora na rua. Ele deixou seu estado, onde morava junto com a família, há 5 anos. Tiago veio em busca de uma oportunidade melhor de emprego. Morou durante um tempo em Friburgo, na casa de seu irmão, mas logo resolveu vir pro centro do Rio, pois achava que aqui teria mais chances, já que lá também estava escasso. Tiago completou a sétima série, quando teve que interromper os estudos para trabalhar e ajudar com o sustento de sua família. Agora ele busca uma oportunidade de melhorar de vida, mas com seu pé machucado as coisas se tornaram ainda mais difíceis.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo deste trabalho foi muito desafiador tanto para meu desenvolvimento enquanto profissional de comunicação, quanto para meu desenvolvimento pessoal. Tive que passar por cima do meu medo, por não saber com que pessoas eu iria lidar, tendo em vista a quantidade de crimes que acontecem todos os dias no Rio de Janeiro. Tive que lidar com a compreensão e paciência com meus parentes que se preocupavam com meu bem-estar e segurança e por isso também minha escolha em fazer as entrevistas sempre durante o dia. Mas todos esses fatores foram de extrema importância para meu aprendizado e conhecimento.

Além disso, acredito que assumi um papel significativo para o Jornalismo contemporâneo. Cada vez mais percebemos a hegemonia de conglomerados empresariais que controlam a mídia, comunicando somente o que lhes é de interesse. Por isso se torna tão importante que resistam os profissionais que ainda acreditam no papel social do jornalista que interpreta a informação, atribui-lhe sentido e exatidão ao produzir um conteúdo que dê a oportunidade do receptor refletir e também interpretar.

Vivemos imersos numa cultura do medo relacionada a violência criminal nos dias de hoje. A mídia convencional tem parcela significativa de responsabilidade nesse panorama, pois bombardeia o público de ideologias pré-definidas, sem interesse em criar conhecimento sobre a realidade, defendendo seus interesses políticos, financeiros e ideológicos. A sociedade retém em seu imaginário todo esse bombardeio de informações e, segundo Pastana (2005, p. 6), a cultura do medo conseqüentemente gera alguns tipos de discriminação profundamente violentas.

Muitas vezes a imprensa distorce as informações que acabam influenciando a imagem da sociedade sobre a criminalidade e gera o preconceito. Pastana (2005, p.7) cita ILANUD (apud KAHN, 1998), para atestar que “os grupos sociais mais vitimizados são aqueles socialmente excluídos, desprovidos dos símbolos que caracterizam o “cidadão de bem” e revestidos pelos signos da marginalidade (pobreza, juventude, cor negra, morador da periferia da cidade etc.)”.

A população de rua é um dos grupos que mais sofre com essa discriminação e são tratados com desprezo e medo, já que existe o estigma de que negros e pobres são mais propensos ao crime, crença que acaba sendo legitimada em decorrência dessa cultura do medo. Meu trabalho foi criado numa tentativa de desconstruir esses valores hegemônicos que são cristalizados em nossa sociedade que se estrutura pela dominação de classes.

Pretendo seguir com este trabalho e, sempre que puder, conversar com a população de rua e guardar suas histórias em meu *Tumblr*. Além disso, pretendo me inscrever em um futuro edital do

Centro de Artes UFF para exposições dos alunos da própria universidade e realizar o que era minha ideia inicial para esse projeto: uma exposição de fotos com um reproduzidor de áudio escondido, acoplado à fotografia, em que os espectadores pudessem ouvir as histórias do povo de rua através de um fone de ouvido enquanto observassem as imagens.

Por último, gostaria de registrar o quão difícil foi entrar na vida dessas pessoas em situação de rua, me apegar a elas e depois ter que ir embora e voltar para minha vida de conforto enquanto as mesmas permanecem desamparadas nas ruas. Espero que num futuro bem próximo eu possa fazer mais, seja a partir de projetos sociais ou financeiramente, e ajudar para que tenham uma vida melhor, afinal todos merecem ser “alguém”.

REFERÊNCIAS

ROSA, Cleisa Moreno Maffei. *Vidas de rua*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2005, 292 p.

SNOW, David A. *Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua* / David A. Snow, Leon Anderson; Tradução de Sandra Vasconcelos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 528 p.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. 317p.

RIO, João do. *A Encantadora Alma das Ruas*. Disponível em: <http://www.objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2015.

GALEANO, Eduardo. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Alegre: L&PM, 2002. 270p.

PASTANA, Débora Regina. Cultura do medo e democracia: um paradoxo brasileiro. *Mediações*, Londrina, PR, vol. 10, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2172/1864>>. Acesso em 20 de junho de 2015.

GOVERNO FEDERAL. (Brasil). *Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua para Consulta Pública*. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/versao_da_pnpr_para_consulta_publica.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2015.

BRASÍLIA (DF). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua*. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2015.